

## Sítios Pré e Proto-históricos do Parque Eólico da Serra de Mú relatos de um acompanhamento

.....

Marco Valente (arqueólogo)

*“Tu trouveras plus dans les forêts que dans  
les livres. Les arbres et les rochers  
t’enseigneront les choses qu’aucun  
maître ne te dira.”*

*Saint Bernard de Clairvaux*

### RESUMO

Pretendemos com esta comunicação apresentar alguns novos dados e achados relativamente a períodos mais recuados da nossa História, identificados no espaço físico em questão.

Partindo do Estudo de Incidências Ambientais e consequente detecção de sítios, tais como “Feiteira”, “Gavião” e “Carvalhinho”(Pedra Riscada), aliados a ocorrências que a tradição oral vai teimando em

preservar, como a provável necrópole do “Vale Telheiro” e da “Corte Figueira dos Coelho”, passando por possíveis arqueosítios, casos do “Forno dos Mouros” ou da “Portela do Vale” (possível anta?).

Terminamos com alguns sítios de arte rupestre, a “Pedra da Lua” e a “Pedra Riscada”.

Verificamos assim que a tradição oral, aliada a um espírito científico, podem produzir bons resultados.

### PALAVRAS-CHAVE

Necrópoles / Megalitismo / Tradição oral / Arte rupestre

Pre and Protohistoric sites from Serra do Mú Windfarms – monitoring reports

ABSTRACT

With this communication we intend to present some new data and findings in relation to more remote periods of our history, identified in the physical space in question.

Based on the study of environmental impacts and subsequent detection of sites, such as “Feiteira,” “Gavião” and “Carvalhinho” (Pedra Riscada), coupled with events that oral tradition will insist on preserving,

as the probable burial ground of “Vale Telheiro” and “Corte Figueira dos Coelho”, passing for possible archaeological sites, cases of “Forno dos Mouros” or “Portela do Vale” (probable *tholos*).

We end up with some rock art sites, the “Pedra da Lua” and “Pedra Riscada”. Thus, we confirm that the oral tradition, combined with a scientific spirit, can produce good results.

KEYWORDS

Necropolis / Megalithism / Oral tradition / Rock art

Em virtude dos trabalhos de acompanhamento arqueológico inerentes à edificação do Parque Eólico da Serra do Mú (ou Caldeirão) que efectuamos para a empresa de arqueologia Perennia Monumenta<sup>1</sup>, foram detectados uma série de sítios de épocas e natureza várias, que temos vindo a dar à estampa, paulatinamente, de acordo com o timing a que um profissional a recibos verdes e sem nenhum tipo de ligação contratual a empresa ou instituição pública ou privada está sujeito. Também pelo facto de terem dado esta oportunidade à nossa pessoa queremos deixar aqui o nosso prévio bem hajam.

No presente artigo iremos dar destaque a alguns sítios de épocas pré e proto-históricas que foram descobertos e que pretendemos poder constituir assim um possível contributo mais para o conhecimento global desta imensa área geográfica abrangida pela zona serrana do Caldeirão. Constituem os ditos sítios achados obtidos através de prospecções intensivas no terreno e informes procedentes dos contactos obtidos com alguns dos habitantes mais idosos dos locais com os quais a área abrangida pelo Parque Eólico abarcava e/ou confinava.

O Parque Eólico da Serra do Mú localiza-se numa cumeada localizada na Serra do Caldeirão, também denominada de Mú. Os terrenos do Parque em si integram-se no concelho de Almodôvar, freguesias de Almodôvar, Sta. Clara-a-Nova e S. Barnabé.

A geologia da região enquadra-se na unidade morfo-

estrutural que se estende ao longo do litoral SW de Portugal, a Zona Sul Portuguesa. Esta zona diferenciou-se entre Devónico Superior (+ 385,3 Ma) e o Carbónico Inferior (+ 318,1 Ma), passando pela formação de bacias de sedimentação em regime marinho, séries vulcano-sedimentares (relacionadas com a Faixa Piritosa Ibérica) e posterior emersão da zona, relacionada com as várias fases tectónicas no contexto da Orogenia Varisca.

A área afecta ao estudo enquadra-se na unidade geomorfológica designada por Serra Algarvia, mais concretamente, a Serra do Caldeirão. As séries sedimentares que afloram nesta zona são constituídas por uma sucessão de xistos e grauvaques dispostos em sequências rítmicas (flysch). Os terrenos apresentam-se intensamente deformados, formando dobras apertadas com xistosidade e vergência progressiva para SW, afectadas por um metamorfismo intermédio a baixo grau. Trata-se do Grupo de Flysch do Baixo Alentejo. A dureza e relativa homogeneidade litológica desta unidade produziram uma rede hidrográfica densa e bem encaixada, ocupando uma grande extensão – cerca de 2/3 da área correspondente às províncias do Baixo Alentejo e Algarve.

Decorrente da consulta de bibliografia específica, documentação, bases de dados e inventários do Património Arqueológico e Arquitectónico, verificamos que a zona em estudo conhece ocupação humana documentada desde períodos pré-históricos (VIANA:1945).

1 - Com coordenação do Prof. Dr. Francisco Queiroga.

Isto no que respeita à freguesia do Ameixial que tem sido alvo de um maior objecto de estudo<sup>2</sup>. Quanto à freguesia de S. Barnabé, também se desconhece qual a sua realidade quanto à zona de montanha, pois só a parte Norte foi prospectada. Durante muitos anos achava-se que as zonas de montanha mais inóspitas constituíam um vazio em termos de ocupação humana um pouco por todo o país. Trabalhos recentes sistemáticos têm vindo a desmentir estes pressupostos e a dar conta de uma realidade que se vai revelando cada vez mais complexa e intimamente articulada com os espaços geográficos com que confina e que foram alvo de estudos mais aprofundados.

Ontem como hoje, a boa vontade, conhecimentos do/no terreno e guardiães de saberes, contos e lendas ancestrais, os habitantes mais idosos destes espaços serranos, nomeadamente os pastores, revelam-se como um contributo indispensável a quem como nós pretende ler no terreno o muito que ainda se encontra por decifrar. Assim, Antropologia, Sociologia e demais ciências humanas são efectivamente no terreno colocadas à prova e em

prática, dando azo à tão propalada interdisciplinaridade do conhecimento.

Verificamos assim que, o isolamento das aldeias e lugares da Região (Brunheira, Pé de Boi e Felizes, só para dar alguns exemplos), tornou-as auto-suficientes em todos os aspectos, demonstrando assim um forte sentimento de união e coesão, para além de se assumirem como uma fonte de comunhão psíquica, quase biológica, que contribui poderosamente para a solidariedade interna, a participação dos seus membros e a orientação da acção individual e colectiva.

Enumeramos em seguida alguns achados dignos de registo ocorridos durante o nosso trabalho e no trabalho de colegas que nos precederam, e que como tal serviram de base, também (voltamos a frisar, após consulta de bibliografia específica, documentação, bases de dados e inventários do Património Arqueológico e Arquitectónico) para o trabalho contínuo de campo e gabinete que se lhe sucedeu.

## **FEITEIRA**

Os achados isolados, quando observados num contexto mais abrangente, são uma importante ajuda para o estabelecimento de leituras plausíveis. Como tal, não poderíamos deixar de os destacar no presente artigo. Neste local, e decorrente do ElncA, recolheu-se um dormente de mó manual. Já durante a fase de acompanhamento de obra (da nossa responsabilidade) detectamos e recolhemos um fragmento de movente de mó manual nas suas proximidades em grauvaque, picado e com marcas de uso.



## **GAVIÃO**

Neste local foi identificado em ElncA uma possível necrópole da Idade do Bronze ou Idade do Ferro. Durante os trabalhos de edificação do aerogerador n.º 2 nas suas proximidades não surgiu nenhum tipo de elemento patrimonial visível.

Outros achados, associados a relatos lendários e vivenciados/observados por autóctones nas proximidades



2 - “Os vestígios até agora referidos concentram-se na freguesia do Ameixial. Tal facto deve-se provavelmente a um investimento menor no estudo da freguesia de S. Barnabé (Soares e Ferreira, 1994, 49). Note-se, que a freguesia do Ameixial já é estudada na Corografia ou memória económica, estatística e topográfica do Reino do Algarve datada de 1841” (ALBERGARIA: 2006).

deste local corroboram da existência de necrópoles nos espaços circundantes. Também o trabalho muito meritório do nosso colega, Dr. Rui Cortes e a detecção/relocalização de *tholoi* e demais monumentos funerários que vem sendo feita, assim como o contributo prestado por todos os colegas associados ao projecto Estela, permitiram-nos obter uma percepção do que poderia vir a ser encontrado na zona. E que será descrito em seguida. A toponímia também é um valioso auxiliar que corrobora as histórias que também escutamos atentamente acerca de sepulturas isoladas e necrópoles, que se têm escutado desde há pelo menos sessenta anos a esta parte, do que nos foi dado a observar. Só para citar alguns exemplos nomeamos em seguida alguns desses topónimos e que podem ser observados se seguirmos o caminho rural em terra batida que parte da Brunheira em direcção ao marco geodésico da Boavista: Portela da Cruz, Corte das Cruzes, Monte Novo das Cruzes, Monte das Cruzes e Cruzes da Figueira.

O espaço em si é propenso ao estabelecimento de mitos e superstições entre os seus naturais. As próprias montanhas exprimem uma união entre o céu e a terra,

razão por que os santuários se acham localizados, geralmente, nos seus cumes. Muitas aldeias emergiram à vista de uma colina ou de uma serra numa espécie de adoração, o que explica o facto de no topo dos montes haver, quase sempre, uma capela, uma ermida ou simplesmente uma cruz. Algumas serras foram, inclusivamente, deificadas pelo povo, sendo, por isso, objecto de culto.

O animismo era, de resto, incutido no imaginário infantil pelos próprios adultos que, nos serões à lareira, ou nos fiandeiros, não se coíbiam de introduzir os mais novos nas conversas, nas histórias ou nos pavores da superstição. A ideia de que as almas penadas e outros espíritos andam de noite, à solta, era levada, muito cedo, ao juízo de qualquer criança do meio rural.

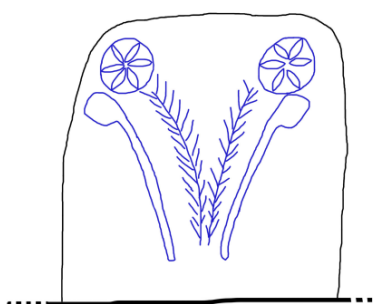
Daí o receio que havia de ir aos aposentos onde alguém morrera, ou de passar junto a cemitérios, em encruzilhadas, etc. Para além disso, certas práticas de esconjurar o demónio e outras feitiçarias eram realizadas naturalmente, na família ou na comunidade, à vista das crianças ou mesmo com a sua participação.

### CARVALHINHO/PEDRA RISCADA

Neste local surgiu, para além de um fragmento de mó manual (dormente identificada em Estudo de Incidências Ambientais), um possível elemento votivo em xisto de pequenas dimensões, para além de seis fragmentos de uma estela que teria estado erguida naquele cabeço, muito possivelmente relacionada com o culto dos mortos ou votiva a algum ser sobrenatural. Alguns dos habitantes mais idosos da Brunheira recordam-se ainda de a ter visto erguida há cerca de 15/20 anos atrás. Os diversos fragmentos não estarão muito longe do seu local de implantação original. Esta estela teria umas dimensões visíveis acima da superfície do terreno de aproximadamente 1,10m de altura e 80cm de largura. Apresentamos de seguida o croqui de uma possível reconstituição com base em testemunhos orais.

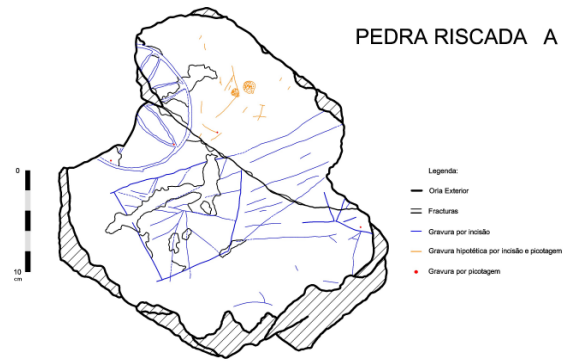
Para além disso é observável a existência de abundantes fragmentos pétreos no local, que podem indiciar a existência de elementos estruturados prévios à surriba constante dos solos tida ali mesmo.

Em seguida apresentamos e descrevemos quatro elementos pétreos (dois com a designação Pedra Riscada A e outros dois Pedra Riscada B) passíveis de interpretação:



<b>Pedra Riscada</b>
Reconstituição Hipotética

**Pedra Riscada A:** Representação sobre dois fragmentos de rosácea foliculada – presumivelmente de seis a oito pétalas – inscrita num elemento circular gravado por incisão e com sinais visíveis de ter sido avivado com o passar dos tempos. Na parte supostamente inferior da Rosácea é possível observar representações geométricas indeterminadas. O motivo circular que circunda o suposto Hexafólio tem sido encontrado ligado a cultos solares, dependendo do contexto em que se insira.



**Pedra Riscada B:** Decoração estilo Espinha de Peixe ou Ramo de Palmeira.

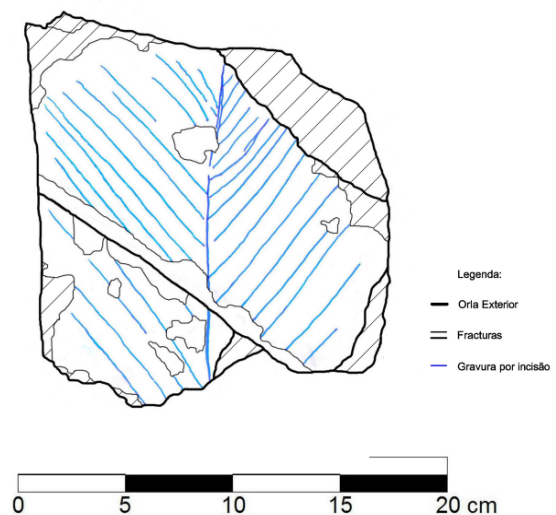
Os restantes dois elementos também por nós detectados nesta área são inconclusivos quanto à sua possível interpretação, face ao grau de desgaste em que se encontram.

Pela tipologia de símbolos encontrados, aliada à descrição – sempre questionável – de indivíduos que observaram a dita estela erguida antes da sua destruição parecem-nos ser os mesmos enquadráveis entre a Segunda Idade do Ferro e a Idade Média, mais possivelmente talvez a primeira.

Poderiam os espinhados e rosáceas foliculadas constituir a representação estilizada de um qualquer elemento floral. Uma dedicação a um qualquer deus ou mesmo a delimitação de um espaço fúnebre. A sua configuração esquemática assemelha-se à de algumas aras funerárias romanas. Existem também representações de deuses celtiberos em que os ramos de palmeira funcionam como representação simbólica dos ditos.

Tais considerações carecem, contudo, de um estudo mais aprofundado acerca do local em si e respectivo enquadramento com o espaço envolvente.

PEDRA RISCADA B



A associação de arte rupestre a contextos funerários não é de todo descabida, uma vez que muitas necrópoles da Idade do Bronze / Ferro têm vindo a ser identificadas sistematicamente e ao longo dos anos nesta região. Alguns desses registos são efectuados também com o recurso à oralidade, pois por vezes são a única forma de podermos detectar (em fase de prospecção) os mesmos. Tal é o sítio que descreveremos em seguida.

## VALE TELHEIRO

O Sr. José Mateus Narciso, pessoa dos seus setenta e dois anos e morador no Ameixial, guiou-me a estes terrenos, que são actualmente sua propriedade. Descreveu-me, de acordo com os seus conhecimentos, o local, como consistindo este em várias lajes de xisto alinhadas ao alto e formando como que caixas

rectangulares sensivelmente do tamanho de um corpo humano médio, com tampas também em xisto e abundantes cinzas no seu interior – a “terra dos mortos”, como ele a designou. Este mesmo cenário repetia-se a alguns metros mais acima deste local.





Tudo isto sucedeu há cerca de 60 anos atrás, quando os habitantes destas paragens se encontravam a cultivar o terreno, que de lá para cá já foi arado múltiplas vezes. As ditas lajes foram entretanto levadas para edificar muros de propriedades, palheiros, currais e habitações.<sup>3</sup>

### CORTE FIGUEIRA DOS COELHOS



Neste local observamos a ocorrência de cerâmica e telhas de várias épocas, mediando muito possivelmente entre os séculos III a XX d.C.

No local são visíveis restos de muros em ruínas e se bem que alguns sejam relacionados com a actividade da pastorícia e um ou outro muro apiário, aparentam os mesmos revelar uma ocupação mais antiga do local. Algumas lendas ligadas a este espaço afixam que

este local era onde ficaria situada a povoação primitiva que antecedeu a implantação de S. Barnabé onde a podemos observar nos nossos dias.

Surgiu também uma laje em xisto com possíveis fossetes assente num muro em ruínas, nas imediações deste local.<sup>4</sup>

Um habitante deste sítio, o Sr. Zé Cavaco – como é conhecido nas redondezas – afirmou que há algumas

3 - A recolha destes testemunhos orais, que pese embora muitas vezes pequem pela escassez de informação e devam ser objecto de uma triagem atenta, constituem informes úteis ao nosso trabalho, que julgamos – no nosso humilde entender – não devam ser totalmente desprezados. O Sr. Manuel Francisco Guerreiro – pessoa dos seus 74 anos, nascido no “Jogo da Bola” e residindo actualmente em Almodôvar – corroborou por completo as informações acima descritas e prestadas pelo Sr. José Narciso em data, local, circunstâncias diferentes e sem termos sequer mencionado a informação anteriormente recolhida.

4 - Apesar das fossetes levantarem algumas dúvidas quanto à sua fiabilidade, estas assemelham-se em muito com as que Schubart encontrou durante a escavação de espaços fúnebres no sítio da Atalaia (SCHUBART: 1965).

dezenas de anos atrás, quando arava um terreno contíguo a estes achados, encontrou uma amálgama de ossos, sendo possível distinguir um crânio humano. Seria uma fossa aberta no xisto? À cabeceira teria uma série de “pedras de pederneira” – conforme palavras do meu interlocutor.

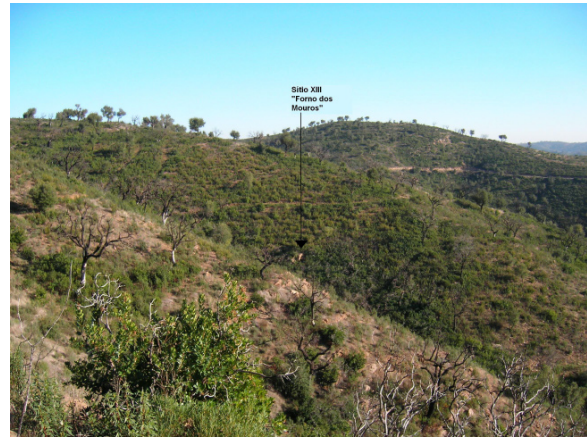
Possíveis artefactos líticos, uma vez que o material geralmente utilizado nas ditas pedras de pederneira era usualmente o sílex? Uma última informação que este senhor me deu foi a de que esta pedra com possíveis fossetes teria vindo de lá, assim como uma “pedra com letras” que teria surgido associada a esta sepulcral.<sup>5</sup>

## FORNO DOS MOUROS/BOLIDO



Possível abrigo, aproveitando uma concavidade natural presente no maciço rochoso.

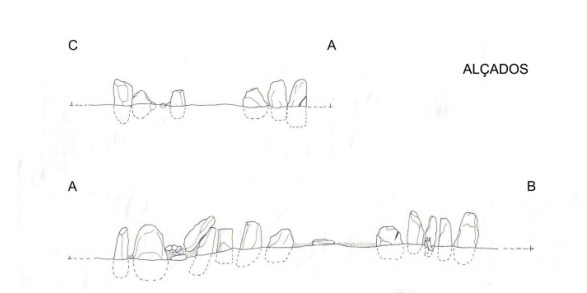
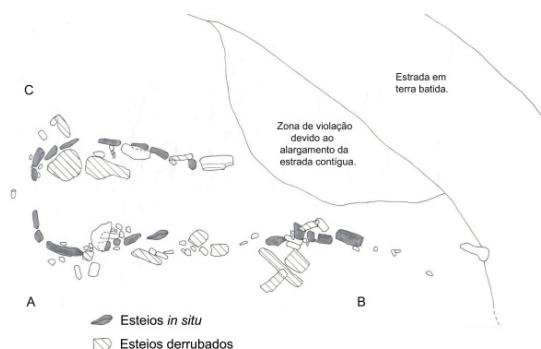
De difícil acesso, oferecendo abrigo para dois ou três indivíduos no seu interior. Localiza-se a meia encosta de uma cumeada, numa linha de água perene.



Em época de chuvas corre um ribeiro junto ao local. Nas proximidades e numa cota inferior existia a “Horta do Bolido”, que ainda na segunda metade do século XX era terreno de cultivo.

## PORTELA DO VALE

Possível *Tholos*, de planta subcircular com corredor.



5 - Apesar das fossetes levantarem algumas dúvidas quanto à sua fiabilidade, estas assemelham-se em muito com as que Schubart encontrou durante a escavação de espaços fúnebres no sítio da Atalaia (SCHUBART: 1965).





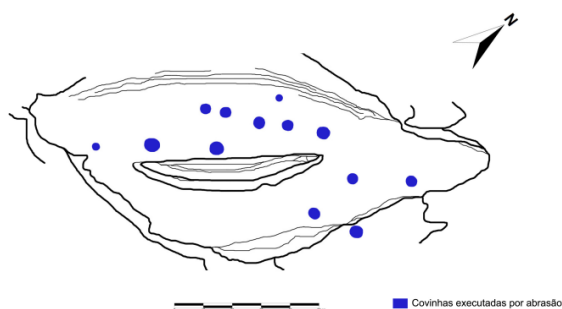
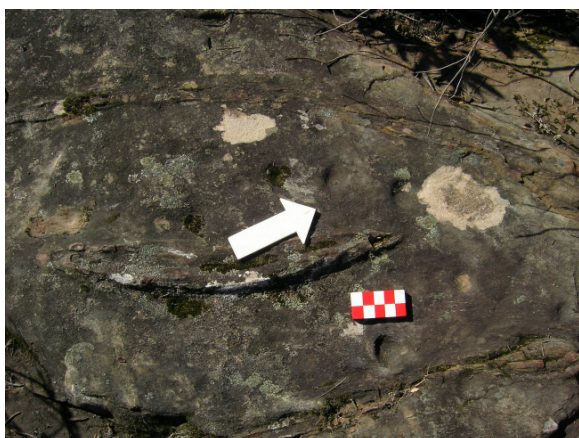
No local onde estaria erguido o(s) esteio(s) de cabeceira, a cerca de 5cm do exterior da câmara, foi encontrado durante prospecções que realizamos no local um machado em pedra polida.

Aparenta ter sofrido violação, presumivelmente contemporânea do alargamento da estrada em terra batida, operação que terá derrubado, inclusivamente, alguns esteios laterais do alçado Norte.

Tratar-se-á assim, muito possivelmente de um

pequeno tholos funerário, com câmara e corredor com entrada voltada sensivelmente ao ponto cardinal Este. Abundantes elementos pétreos de pequenas dimensões em seu redor indiciam, também, da possível existência de uma carapaça na envolvente deste espaço.

### PEDRA DA LUA



Num afloramento em xisto é observável numa zona mais plana um elemento oval de origem natural da rocha que enquadra um elemento que se assemelha a um crescente lunar também ele de origem natural.<sup>6</sup>

Circundando esta espécie de crescente lunar são observáveis uma série de covinhas executadas por abrasão.

A cerca de dois metros a NE desta zona e no mesmo afloramento, são observáveis mais duas fossetes executadas por abrasão. Nas proximidades deste local surgiram uma série de fragmentos rolados de cerâmica de pasta grosseira, micácea e de cronologia indeterminável, mas que nos parecem ser fragmentos de cerâmica manual.

6 - Em muitos sítios arqueológicos o ser humano tem aproveitado elementos naturais para as suas representações, factos testemunhados já desde o Paleolítico (como constituem exemplo deste facto o Grande Bisonte da Cueva de Bernifal na Dordoña ou ainda o Homem-Bisonte da Cueva de El Castillo na Cantabria, só para mencionar alguns) o que não faz deste, caso único (GROENEN: 2000).



“Tudo pode constituir um mito, desde que seja susceptível de ser julgado por um discurso. O mito não se define pelo objecto da sua mensagem, mas pela maneira como a profere: o mito tem limites formais, mas não substanciais. Logo tudo pode ser mito? Sim, julgo que sim, pois o universo é infinitamente sugestivo.” (Barthes).

Em Santa Bárbara de Padrões, para além de outros

materiais, as lucernas contêm em si representações fascinantes. Uma percentagem abismal dos motivos presentes nesses elementos retrata deuses, heróis e demais seres representativos do universo mitológico de influências greco-romanas. Entre essas representações dois tipos que nos atraíram a atenção prendiam-se com representações da Deusa Selene / Luna. Numa delas observávamos um crescente lunar, enquadrado



por um motivo circular (que tinha a ver com a própria forma da lucerna em si) com representação de sete estrelas, as Plêiades – que na lenda surgem associadas a esta mesma deusa. Noutra, observamos uma figura antropomórfica, com os braços erguidos para o céu, formando assim um crescente lunar, tendo a encimá-la oito “covinhas”, representando estas também e muito possivelmente as Plêiades.

Com base nestes pressupostos deixamos aqui a nossa interrogação: constituiria este sítio nas proximidades do Fojo um local de culto à deusa Selene?<sup>7</sup> *“We think that it’s rational that the prehistoric man who worshiped the sun, the moon and the mountains, between others aspects of Nature, also had felt reverence for the magnificence of the starry sky and had represented it on it’s artistic manifestations”* (COIMBRA: s/d)

Só a título de exemplo de cultos lunares verificamos que Vitorino Magalhães Godinho, quando descreve a religiosidade entre os habitantes do arquipélago das Canárias, nos diz o seguinte:

“Devia prestar-se culto também à Lua. Os cadáveres eram colocados nas cavernas nos montes, sobre peles de cabras e cobertos por peles igualmente de cabra. Na Grã-Canária e Tenerife, há um deus supremo que não tem forma humana, Acoran, que é o Céu; e uma deusa,

Chaxiraxi, sua mãe ou sua mulher (a Terra?); presta-se culto ao Sol, à Lua e aos outros planetas, e há “ídolos” de forma humana esculpidos em pedra que talvez os representem, como há gravuras antropomórficas e zoomórficas sagradas. (...)”

Em todas as ilhas há, em suma, o culto nos lugares altos, com derramamento de leite, e a inhumação nas cavernas, em provável relação com cultos ctónicos das profundezas terrestres e do fogo interior. Nas ilhas centrais os rituais ligados à realeza mostram que esta se articula ao culto do Céu e se lhe atribui a função de fertilidade - própria de sociedade em que a agricultura se pratica ao lado do pastoreio.”

(GODINHO:1962)

Já Catarina Oliveira e C. Marciano da Silva observaram o seguinte ao nível da Arqueoastronomia no decorrer dos seus estudos no Alentejo Central:

6 - Representações de “cup-marks” ligadas a episódios lendários e arqueoastronómicos é um fenómeno existente um pouco por todo o globo, lembremo-nos também que a Arqueoastronomia em Portugal ainda está a dar os seus primeiros passos. Já existem estudos ao nível da cartografia (HARLEY: s/d), por exemplo, que conseguem dar uma interpretação fidedigna de muitos locais. Claro está que não se deverão homogeneizar conceitos e relativizar contextos, pois já no passado houve quem quisesse interpretar buracos escavados na rocha para dar alimentos aos cães executados já no século XX como sendo arte rupestre antiga. Há que ter sempre o cuidado de estudar os contextos e saber o que estamos a visualizar, como bem o define o nosso caro colega Dr. Fernando Coimbra (COIMBRA: s/d). Aliás estas nossas interpretações carecem de estudos de outros colegas para obtermos um melhor conhecimento destes espaços mais a Sul e constituem apenas um contributo mais face à abordagem da questão em si.

“Nous avons étudié plusieurs sites mégalithiques dans l’Alentejo Central pour relever les orientations astrales (...) La Lune y tient un rôle essentiel qui paraît avoir été repris, plusieurs millénaires après, de façon assez semblable pour fixer la célébration liturgique pascale. L’évidence d’un rapport clair entre la Lune, la perception du paysage et le calendrier rituel, apparemment matérialisé pour la première fois par les monuments mégalithiques, nous rend sensible à l’identification de signes cachés dans la mémoire collective, se rapportant à l’idée de la Lune comme représentation symbolique de la vie. La recherche conduite jusqu’à présent a révélé des indications pertinentes, non seulement dans l’Alentejo Central où le phénomène mégalithique est important, mais aussi dans d’autres régions du pays où cette association - matérialisée par d’anciens lieux de dévotion, des rituels et des pratiques liturgiques - demeure encore significative.

The importance of the Moon in the magico-symbolic contexts of the Neolithic-Chalcolithic is recognised not only in the Spring Moon orientation of the funerary monuments, but also in its representation in megalithic engravings (in relation to the Sun, rectangle, staff, etc.) in votive artefacts (ex. limestone lunules), and linked to other groups with figurative associations with fertility (rabbits, hares) and to the Mother-Goddess. Of some significance is the presence of limestone lunules found in megalithic monuments, in particular in the region of Lisbon (GONÇALVES 2003), where the “Serra de Sintra” is prominent in the sacred geography of this region, associated with the cult of the Moon and of the great Mother-Goddess (PEREIRA 2005: 132)

As mentioned above, in the Early Roman period Strabo (I BC - I AD) refers to the cult of the moon in Iberia. This is also observed in northwestern Iberia where the Gauls devoted an island to the moon (Ptolomeo, I - II AD). The “Serra de Sintra” might have continued to be devoted to the moon. It is alluded to as *Mons Sacer* (Varrão, *Rer. Rust.*, II, I; and Columela, *Rer. Rust.*, VI, 27.7); *Promontorium Lunae* or *Mons Lunae* (Ptolomeo); and *Sintra Promontorio Sacrum* (Strabo). From the Roman Period on, we find reference to a sanctuary and inscriptions in Colares devoted to *Soli et Lunae* (VASCONCELOS 1989: 364-367; RIBEIRO 2002b: 235-239) and lunar representations in funerary stelae (VASCONCELOS 1989: 407-446).

In Algarve, the old fishing town and beach of Sr<sup>a</sup> da Luz near Lagos still has in use the old chapel dedicated to “Our Lady”, almost on the beach, from where we can observe a large distant promontory and the sea beginning at the appropriate azimuth. Also Sr<sup>a</sup> da Luz near Tavira, and St<sup>a</sup> Luzia nearby, may be related to an azimuth close to 100° when observed, respectively, from the hills of S. Miguel and Cabeça.

The devotion, in the Catholic faith, to “Our Lady of the Light” (N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Luz) as well as to N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição and to N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> dos Prazeres, seems to be an appropriation of the old moon cult, and the lunar crescent under Our Lady’s feet seems to be a survival of that old connection to the moon (ESPIRITO-SANTO 2004: 104-109).

Verificamos assim, que nestes locais a arte rupestre se encontrará intimamente ligada aos espaços funerários que por aqui e além vão surgindo, quer no registo arqueológico, quer em prospecções e quer no registo oral. Para além da Escrita do Sudoeste outros fenómenos ao nível da arte rupestre ainda estarão a dar os primeiros passos ao nível da identificação de todos os locais que tenham vindo a escapar à constante surribo dos montes em redor para plantio de sobreiros, pinheiros e dessa praga que dá pelo nome de eucalipto. Do registo oral somente as pessoas que teimam em resistir e habitar estes espaços recônditos continuam a ser as guardiãs desses saberes ancestrais. Estas pessoas na sua maioria estão na casa dos setenta / oitenta anos de idade e quando morrerem são autênticas bibliotecas de Alexandria que extinguem a sua chama, o farol que teima em irradiar a sua luz pelos ásperos e ondulados xistos serranos.

E porque queremos e pretendemos atingir uma gama diversificada de públicos temos sempre presente em linha de conta o que João David Pinto Correia afirmou há dez anos atrás: “Todos os públicos, desde o adulto ao infantil, desde o erudito ao analfabeto, denotam apreço, por vezes bem escondido ou mesmo renegado, pelas ‘maravilhas’, pelas personagens, pelos cenários e pelas intrigas que não cabem no universo real e próximo de nós, isto é, que constituem o mundo ‘outro’, inexplicável, feérico, sobrenatural. Características físicas e psicológicas mais próximas ou longínquas em relação ao ‘normal’ do dia-a-dia, poderes mágicos que mudam abruptamente o destino não só dos protagonistas, como de todos os mortais, metamorfoses de pessoas,

de animais, de plantas e de objectos encontram-se convocados nessas intrigas mais ou menos longas que se transmitem de geração em geração e desde os mais recuados tempos. As mitologias, os textos fundadores da Humanidade, as composições exemplares alimentaram-se e continuam a alimentar-se desses indispensáveis ingredientes. E sabemos hoje que essas histórias, esses vultos, por mais delirantes que se apresentem, são absolutamente necessários à formação do homem, transmitindo-lhe de modo mais ou menos sub-reptício as noções fundamentais de que ele precisa para apreender a sua natureza, a sua actividade, os seus valores. Trata-se de codificações que, pertencendo ao colectivo, agem no indivíduo de modo profundo e fascinante, mesmo nos casos em que ele se distancia ou que ele repudia.”

Esperamos sinceramente que futuros trabalhos nestes locais tenham o devido acompanhamento arqueológico e ambiental que esta zona muito merece,

pois que mesmo que muito já tenha sido destruído em décadas e séculos anteriores este espaço geográfico envolvente ainda tem muito para dar em termos de riqueza natural e patrimonial.

O nosso sincero agradecimento à Dra. Marta Alexandra Duarte Freitas Valente (Geóloga) e ao Sr. Gastão Freitas, pelas informações quanto à descrição geológica de diversos locais e pelo tratamento informático em gabinete dos desenhos e fotos de sítios e materiais que compõem o presente artigo. Também gostaríamos de aproveitar para agradecer a disponibilidade e amabilidade do Dr. Nuno Beja (Museu Arqueológico de Faro), dos funcionários do Arquivo Histórico Municipal de Loulé, Biblioteca de Almodôvar, Biblioteca de Beja e Museu da Lucerna de Castro Verde. Aos Drs. Cláudio Torres, Rui Cortes, Samuel Melro, Manuela de Deus, Fernando Coimbra, Manuel e Maria Maia também fica aqui a nossa singela palavra de agradecimento.

## BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA CONSULTADA:

- ALARCÃO, Jorge de (1988) – Roman Portugal, vol. 2 (fasc. 2), Warminster: Aris & Phillips, Coimbra / Lisboa
- ALBERGARIA, João (2006) – Estudo de Incidências Ambientais do Parque Eólico da Serra do Mú, AGRI.PRO Ambiente e Consultores S.A., Lisboa
- ALCOFORADO, Doralice (1996) – Ecoss e Ressonâncias: a onomatopeia na literatura oral, In E.L.Q., n.º 2, Universidade do Algarve, Faro, pp. 25-32
- ALLEAU, René (2001) – A Ciência dos Símbolos, Edições 70, Lisboa
- ARRUDA, Ana Margarida (2001) – A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo, In Revista Portuguesa de Arqueologia, vol. 4, n.º 2, pp. 207-291
- BACELAR, Fernanda; et al. (1989) – Como escrever o oral?, In Revista Internacional de Língua Portuguesa, n.º 2, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, pp. 36-40
- BARCELO, Juan A. (1991) – El Bronce del Sudoeste y la Cronología de las Estelas Alentejanas, In Arqueologia, n.º 21, G.E.A.P., [Porto]
- BEIRÃO, Caetano de Mello (s/d) – Nota sobre duas «Pedras de Cenáculo», Separata do Arquivo de Beja, IIIº vol. – 2ª série, Beja
- BERNARDES, João Pedro; et al. (2006) – Actas das I Jornadas – As Vias do Algarve, C.M.S.B.A. / C.C.D.R. Algarve
- BRAGA, Teófilo (1999) – Contos Tradicionais do Povo Português, II volumes, Coleção Portugal de Perto, n.os 14 e 15, 5ª edição, Publicações Dom Quixote, Lisboa
- CAEIRO, José O. da Silva (1978) – Observações sobre cerâmica comum romana do séc. III proveniente da “cidade das rosas”, Serpa, Actas das III Jornadas Arqueológicas, 1977, Lisboa
- CALADO, Manuel (2001) – Da Serra d’ Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional, Trabalhos de Arqueologia 19, I.P.A.
- CALADO, Manuel João Maio; et al. (1999) – Povoamento Proto-histórico no Alentejo Central, In Revista de Guimarães, Volume Especial, I, Guimarães, pp.363-386
- CANINAS, João Carlos; et al. (s/d) – Muros-apiários da bacia do médio Tejo (regiões de Castelo Branco e Cáceres), Edições Colibri
- CARDOSO, João Luís (2002) – Pré-história de Portugal, Ed. Verbo, (s/l)
- CARVALHO, A.M. Galopim de (1996) – Geologia morfogénese e sedimentogénese, Universidade Aberta, Lisboa
- CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela Malheiro (1998) – Metodologia da Investigação – Guia para Auto-aprendizagem, Universidade Aberta, Lisboa
- CASSIRER, Ernest (s/d) – Língua, Mito e Religião, Rés-Editora, Porto
- CATROGA, Fernando (2001) – Memória, História e Historiografia, Quarteto Editora, Coimbra
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (1994) – Dicionário dos símbolos, Editorial Teorema, Lisboa

- COELHO, Adolfo (1985) – Contos Populares Portugueses, Coleção Portugal de Perto, n.º 9, Publicações Dom Quixote, Lisboa
- COIMBRA, Fernando Augusto (s/d) – The cup-marks in rock art in western europe. A contribute to its study and interpretation, In [www.artepreistorica.it](http://www.artepreistorica.it)
- DIAS, Ana Carvalho (Coord. Cient.) (2000) – Antas de Elvas, Roteiros da Arqueologia Portuguesa, I.P.P.A.R.
- ELIADE, Mircea (1993) – O Mito do Eterno Retorno, Edições 70, Lisboa
- ELIADE, Mircea (1989) – Aspectos do Mito, Edições 70, Lisboa
- ELIADE, Mircea (1965) – Le Sacré et le Profane, Gallimard
- ESPÍRITO-SANTO, Moisés (s/d) – A Religião Popular Portuguesa, A Regra do Jogo Edições, Lisboa
- FABIÃO, C. (1994) – O Passado Proto-histórico e romano, In História de Portugal, MATTOSO, José (Dir.), Lisboa, pp. 79-299
- FARIA, António Marques de; SOARES, António M. Monge (1998) – Uma inscrição em caracteres do Sudoeste proveniente da Folha do Ranhão (Baleizão, Beja), In Revista Portuguesa de Arqueologia, vol. 1, n.º 1, pp.153-160
- FERREIRA, Fernando (2007) – Parque Eólico da Serra de Mú Estudo Geológico- Geotécnico, Geoárea Consultores de Geotecnia e Ambiente, (s/l)
- FURTADO, Filipe (1980) – A Construção do Fantástico na Narrativa, Livros Horizonte, Lisboa
- GOMES, Mário Varela, et al. (2002) – Sepultura da Idade do Bronze do Sobreiro (Mato Serrão Lagoa), In Revista Portuguesa de Arqueologia, Vol.5, n.º 2, pp. 191-218
- GONÇALVES, António J. (2000) – Monografia da Vila de Almodôvar, A.C.D.J.A.
- GRIMAL, Pierre (1992) – Dicionário de Mitologia Grega e Romana, Difel, Linda-a-Velha
- GROENEN, Marc (2000) – Sombra y luz en el arte paleolítico, Ariel Prehistoria, Barcelona
- GUERRA, Amílcar (2002) – Novos monumentos epigrafados com escrita do Sudoeste da vertente setentrional da Serra do Caldeirão, In Revista Portuguesa de Arqueologia, vol. 5, n.º 2, pp. 219-231
- GUERRA, Amílcar; et al. (1999) – Uma estela epigrafada da Idade do Ferro, proveniente do Monte Novo do Castelinho (Almodôvar), In Revista Portuguesa de Arqueologia, vol. 2, n.º 1, pp.143-152
- GUERREIRO, Rui Manuel Gaspar Cortes (1999) – Levantamento da Carta Arqueológica de Almodôvar Relatório de Estágio Profissional, 2 vols., C.M.A., C.E.F.P.O.
- HARLEY, J.B.(Ed.); et al (s/d) – The History of Cartography Cartography in Prehistoric, Ancient, and Medieval Europe and the Mediterranean, vol. 1, The University of Chicago Press, [Chicago]
- IGE – Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 571 -, escala 1:25 000, Lisboa
- IGE – Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 572 -, escala 1:25 000, Lisboa
- IGE – Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 573 -, escala 1:25 000, Lisboa
- IGE – Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 579 -, escala 1:25 000, Lisboa
- IGE – Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 580 -, escala 1:25 000, Lisboa
- IGE – Instituto Geográfico do Exército – Carta Militar de Portugal – Folha n.º 581 -, escala 1:25 000, Lisboa
- LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho (1873-1890) – Portugal Antigo e Moderno: Dicionário Geográfico, Estatístico, Chorográfico, Heráldico, Archeológico, Histórico, Biográfico, & Etymológico de Todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal e Grande Número de Aldeias, Livraria Editora de Mattos Moreira, 10 vols., Lisboa
- LIMA, J. Frago de (1963) – Nuevas Piedras Visigóticas en Portugal, Extracto de «Anacleto Sacra Tarraconensia», vol. XXXV, Biblioteca Balmes, Barcelona
- LITTLETON, C. Scott (General Editor) (2002) – Mythology. The Illustrated Anthology of World Mith and Storytelling, Duncan Baird Publishers, London
- LOPES, F.; SOUSA, M. (1996) – Elementos de Geologia Estrutural e Tectónica. Vol. II, Dep. Ciências da Terra, F.C.T.U.C., Coimbra
- MADEIRA, Mª Júlia Pendilhas Sepúlveda (s/d) – Subsídios para o estudo do material anfórico dos Castella da zona de Castro Verde, Separata do Arquivo de Beja, III vol. – 2ª série, Beja
- MAIA, Maria Garcia Pereira; MAIA, Manuel (1997) – Lucernas de Santa Bárbara, Cortiçol (ed.), Castro Verde
- MEDINA, João (Dir.) (2004) – História de Portugal, XX volumes, Ediclube, (s/l)
- MELRO, Samuel; et al. (s/d) – Intervenção Arqueológica nos Alcaiais dos Guerreiros de Cima: (Almodôvar) Resultados Preliminares, In Revista ERA Arqueologia, n.º6, Ed. Colibri & ERA Arqueologia S.A., Lisboa, pp. 63-81
- MICHELL, J (1982) – Megalithomania. Artists, Anticuarrians and Archaeologists at the Old Stone Monuments, Thames and Hudson, London
- OLIVEIRA, C.; SILVA, C.M. da (2006) – Moon, Spring and Large Stones. Landscape and ritual perception and symbolization. Actas do XV Congresso da UISPP. Lisboa
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, et al. (1994) – Construções Primitivas em Portugal, Publicações Dom Quixote, Lisboa
- OLIVEIRA, J.T. (1984) – Carta Geológica de Portugal na escala 1/200 000, Folha 7, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa
- PARAFITA, Alexandre (2000) – O Maravilhoso Popular Lendas. Contos. Mitos, Plátano Editora, Lisboa



- PARAFITA, Alexandre (1999) – A Comunicação e a Literatura Popular, Plátano Editora, Lisboa
- RICARDO, Isabel (2007) – Abel Viana Antologias de textos de arqueologia 1944- 1962, Arquivo de Beja, 1º vol., Beja
- SCHUBART, Hermanfrid (1965) – Atalaia Uma necrópole da idade do bronze no baixo Alentejo, Separata do Arquivo de Beja, vol. XXII, Beja
- TEIXEIRA, C.; GONÇALVES, F. (1980) – Introdução à Geologia de Portugal, I.N.I.C., Lisboa
- VALENTE, Marco Paulo G. F. (2008a) – Parque Eólico da Serra do Mu. Relatório Final do Acompanhamento Arqueológico de 30 de Outubro de 2007 a 15 de Maio de 2008, Perennia Monumenta Serviços Técnicos de Arqueologia Lda., Vila Nova de Famalicão
- VALENTE, Marco Paulo G. F. (2008b) – Lendas de Mouros e Mouras da Serra do Caldeirão breves apontamentos, In Aldraba, Boletim da Aldraba – Associação do Espaço e Património Popular, n.º 6, Lisboa, pp. 16-18
- VALENTE, Marco Paulo G. F. (2010) – Arte Rupestre do Alto do Mú (Serra do Caldeirão, Almodôvar), In Revista de Portugal, Amigos do Solar Condes de Resende – Confraria Queirosiana, n.º 7, Vila Nova de Gaia, pp. 50-57
- VASCONCELLOS, José Leite de (1989) – Religiões da Lusitânia, I.N.C.M., 3 vols, (s/l)
- VIANA, Abel (1947) – Paleolítico dos arredores de Beja e do litoral Algarvio (zona de sotavento), Separata da Revista Brotéria, vol. XLV, fasc. 7, Lisboa
- VIANA, Abel; FRANCO, Mário Lyster (1945) – O espólio arqueológico de José Rosa Madeira, Separata da Revista Brotéria, vol. XLI, Lisboa
- WILLIS, Roy (General Editor) (2006) – World Mythology, Duncan Baird Publishers, London

### **Informação WWW**

Base de Dados do Instituto de Gestão do Património na Internet – [www.igespar.pt](http://www.igespar.pt)  
 Inventário Patrimonial da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais na Internet – [www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)  
 Portal de arte Pré-histórica – [www.artepreistorica.it](http://www.artepreistorica.it)